

Áudio Espacial

José Vítor Henriques

E STAVA sentado na beira da estrada expectante como quem espera boleia. Tinha um aspecto estranho, irreal, a cabeça lisa como um ovo, os olhos enormes e avermelhados. E não tinha orelhas. Subitamente, e sem que tivesse tido qualquer intenção de parar, estava sentado ao seu lado no carro. Vinha de outro planeta e tinha sido enviado para estudar os nossos hábitos e costumes com vista a um futuro contacto interplanetário, contou.

E tu, o que é que fazes?, perguntou numa pronúncia perfeita. Aparentemente tinham descodificado o nosso código linguístico com relativa facilidade. É uma linguagem rudimentar, explicou, perante a sua suspensão.

Sou crítico de alta-fidelidade, respondeu-lhe sem grande convicção.

O que é isso de alta-fidelidade?

Lá tentou explicar. Bom eu oiço os aparelhos utilizados para reproduzir música e depois escrevo umas larachas a propósito. A malta parece que gosta de ler. Vai dando para a bucha. Aqui senti que a alegada capacidade de descodificação semântica deste inesperado ET não era tão perfeita como dizia. Mostrou-lhe alguns exemplares da Audio que tinha no portafólio.

E ouvem música com isto?, disparou com os olhos arregalados e uma expressão que lhe pareceu de estupefacção. Com estes caixotes?!...

Bom, defendeu-se, também há colunas sem caixa e... Riu-se.

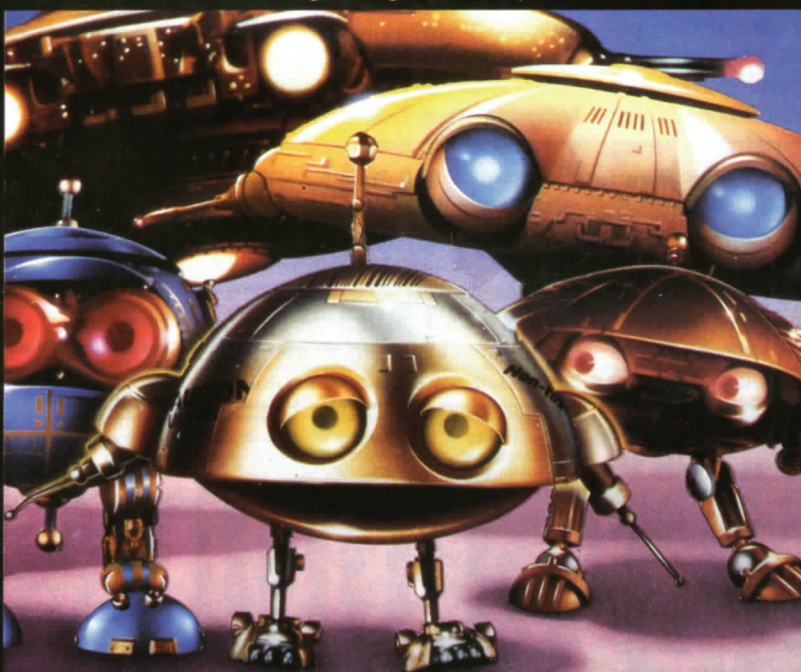
E isto o que é?

São válvulas! explicou, já sem grande esperança. Mostrou-se interessado.

São bonitas! Mirou-as durante algum tempo, o rosto estranho revelando traços

de um reconhecimento nostálgico.

Também temos técnicas digitais e cabos ópticos, e mostrou-lhe orgulhoso as fotografias. E já temos discos com som e imagem. Continuou: um dia as casas inteligentes terão um sistema de som e imagem integral. Os sinais serão enviados por satélite a partir de um banco de dados que terá armazenados todos os sons e imagens registados no planeta.



As pessoas escolhem o que querem ouvir e ver e pagam a conta no fim do mês. Poupa-se matéria prima no fabrico de discos, poupa-se espaço e há um melhor controlo dos direitos de autor. O som nos lares será produzido por ionização do ar e a imagem será tridimensional por projecção laser. Os sistemas interactivos permitirão mesmo participar nos espectáculos sem sair de casa. O ar na rua de qualquer forma deve estar irrespirável nessa altura, ironizou.

Esta descrição futurista não o animou lá muito, pelo contrário. E arriscou: Como é que ouvem música lá no vosso planeta? Já agora gostava de saber o que o futuro nos reserva para colocar de sobreaviso os meus leitores.

Olhou para ele com um esgar (um sorriso?) triste.

Como vês, nascemos sem orelhas. E

estes olhos não são a única forma de de recebermos imagens. Quando nascemos, é-nos colocado um circuito receptor no cérebro que capta os sons e imagens enviados por um organismo oficial. Ao princípio tudo correu bem. Ao entrar directamente no cérebro, o som mantém toda a pureza original e não é degradado pelos equipamentos, técnicas de transmissão e orelhas mal concebidas,

como é o vosso caso. Um dia um dos nossos governantes considerou que só havia um tipo de música considerado aceitável pela moral vigente. Actualmente, só ouvimos e vemos aquilo que eles querem, quando querem. Perdemos o direito de opção. O programa é o mesmo para todos de acordo com o nosso estatuto social e político. E pagamos a correspondente taxa de utilização. Mas o som é óptimo!

Acordou encharcado em suor, o coração um cavalo à solta. Na penumbra do quarto rasgada pelo sol de

Dezembro, a chama da liberdade, o brilho das válvulas do preamplificador, continuava acesa e uma rodela de plástico preto atraía o pó no prato do gira-discos.

Uff! Que bom que era poder continuar a ouvir aquilo que queria, ainda que por processos primitivos e pouco ortodoxos, mesmo quando o poder constituído insistia que não era esse o caminho a seguir.

Durante todo o dia, uma ideia assombrou o seu subconsciente. Até que a técnica de uma entrada Direct para o cérebro não era má de todo. Acabava-se com a polémica dos cabos e não se incomodava os vizinhos. O som teria de ser digital, claro. O cérebro funciona como um superconversor digital. Os ouvidos é que são analógicos...

Admirável mundo novo!

■ JVH